

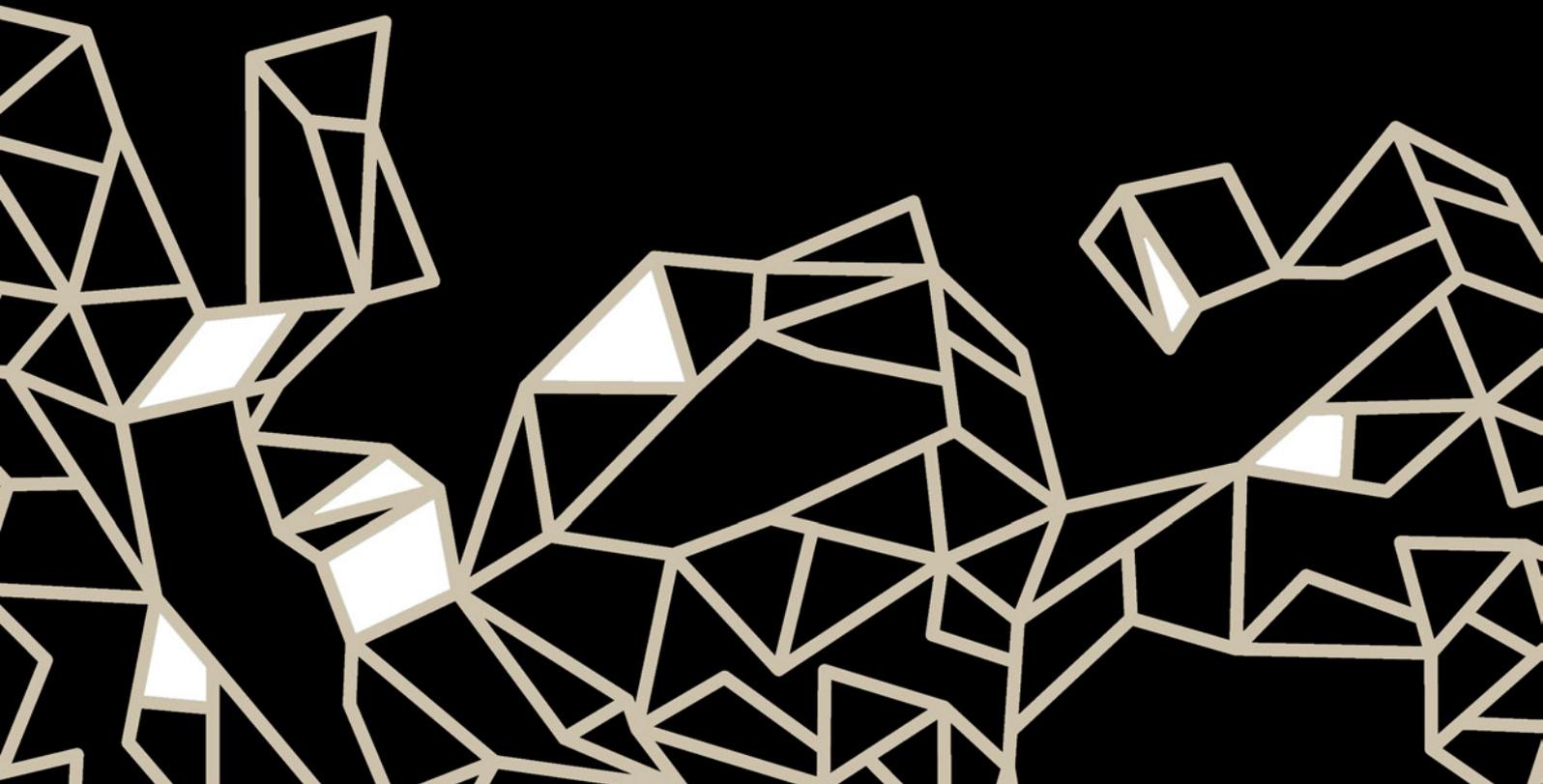


sala preta  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v16i2p1-4

## EDITORIAL

Luiz Fernando Ramos  
Sílvia Fernandes



A chamada inquirindo sobre formas de subjetivação na vida e arte contemporâneas, convidando tanto à reflexão crítica sobre a porosidade das escutas como à efetividade das entregas, foi respondida generosamente. Este número da *Sala Preta* colhe as pérolas seletas de um colar mais largo e traz aos leitores aquelas que se impuseram como as formulações mais contundentes.

No **Em Pauta**, A “pedagogia” do ator em Beckett, sobretudo antipedagógica, é explorada pioneiramente por Tatiana Motta Lima, propondo, na perspectiva da subjetividade do atuador e a partir da literatura do irlandês e de Fernando Pessoa, um diálogo em retomada com Grotowski, ou com o sentido contemporâneo de formar atores. Carlos Eduardo Silva discute o conceito de subjetividade mobilizando as noções de *aleurgia* e *parresía* trabalhadas por Michel Foucault, e muitas outras referências filosóficas, para defender uma relativização da identidade e da autoria nos processos criativos contemporâneos, particularmente no campo da ópera. Com foco em espetáculos europeus recentes, mas enquadrando uma panorâmica bem mais ampla e um debate urgente, Verônica Veloso escrutina a mirada para o espedaçar de corpos atingidos por bombas, para os cenários de horrores da guerra e dos atentados, e sua reverberação nas cenas de um teatro performativo.

Ainda na temática proposta, mas circunscritos à problematização do criticismo, Alexandre Calado explora a noção de crítica de arte de Schlegel, no primeiro romantismo alemão, e a ideia de “produção de subjetividade” no fim do século 18; e Ana Bigotte Vieira acompanha a obra de dois artistas portugueses, mas realçando o aspecto projetivo daquele processo e percebendo o projetar como uma constante nas experiências contemporâneas. Na mira da dança, Henrique Rochelle examina os procedimentos críticos, defendendo que ultrapassem os gostos pessoais e concretizem mediações entre criadores e receptores.

Seguem-se artigos que configuram a interseção de sujeitos e coletivos em distintas épocas e articulações. Patrícia Bertucci resgata a ruptura de limites entre o subjetivo e o urbano propiciada pelas intervenções do *Viajou Sem Passaporte* no início dos anos 1980; Ana Carvalhaes descreve performance em que, sugere, operam (de) subjetivações transformadoras nos criadores e observadores; e Gabriela Alcofra destaca a singularidade da Lia Rodrigues Companhia de Danças com foco no desempenho figural dos indivíduos bailarinos. Também focada neles, mas inserindo-os numa visão histórica de longo prazo,

Andréia Nhur os pensa como suporte do mito do cisne na dança romântica e desvenda as mutações desse signo poderoso, até sua pulverização na contemporaneidade. Paloma Bianchi fecha o círculo das formas de subjetivação na vida e cena atuais, esmiuçando a poética dissonante de Jerome Bell, em que questões como deficiência e normalidade são deslocadas e emancipadas.

Na **Sala Aberta**, José Fernando Azevedo retoma, diante da gravidade do momento brasileiro e dos desafios da geração de criadores que ele integra, a ideia de formação e de sua impossibilidade no contexto da história do teatro brasileiro e da própria inserção do país no cenário mundial. Sugere com argúcia argumentativa e inconformidade com a acomodação que se enfrentem os fantasmas que nos assombram desde o passado, para não nos vermos possuídos por eles e cancelando repetidamente nosso futuro. Não menos incisivo e grave, Matheus Cosmo percorre autores de vários campos para tecer a hipótese de a melancolia ser uma chave decisiva para se pensar esse tempo, esse país e a questão do subjetivo frente ao coletivo.

Pedro Peñuela Sanches recorre a Jacques Rancière para apresentar a noção de “ficção” como possibilidade de superar teorias do teatro e da dança que, nos últimos cinquenta anos, vêm se embatendo contra a ideia de representação, mas cujos pressupostos intrínsecos coincidiriam largamente com os dela.

Clara de Andrade relata experiências com as técnicas do teatro do oprimido e do teatro-fórum em trabalho pedagógico teatral com cegos, mas o faz a partir do sentimento de luto provocado por sua própria cegueira adquirida.

Pedro Maciel Guimarães destaca a fotogenia e os poderes de afecção do rosto, pensados no contexto dos atores de cinema, principalmente do recurso ao *close*, e diferenciados historicamente.

No último bloco da seção dois artigos comprovam a vitalidade do estudo da dramaturgia contemporânea pelo viés das rubricas. Stephan Baungarten mira em três autores brasileiros vivos e produtivos para ponderar, em um exame vertical e meticuloso de peças, sobre o desempenho singular das didascálias em cada uma delas, e sobre como, mesmo muito distintas entre si, refletem teatralidades de algum modo performativas. Renata de Freitas recorta as rubricas de *O retorno ao deserto*, de Bernard-Marie Koltès, para mostrar a trajetória do autor francês desde a retórica clássica até o padrão de narratividade do texto dramático hoje.

Mantendo o hábito de trazer anualmente o dossiê de um espetáculo ou companhia brasileira relevante, esta *Sala Preta* apresenta um bloco inteiro de artigos sobre a companhia brasileira de teatro. A editora convidada Maria Clara Ferrer reuniu entre artigos, críticas e ensaios seis críticos e pesquisadores particularmente informados sobre esse coletivo nacional que vem se afirmando como um dos mais prolíficos e influentes, no país e fora dele. Ferrer também propiciou que o diretor da companhia, Marcio Abreu, e a pesquisadora e performer brasileira Eleonora Fabião trocassem e-mails por um certo período em 2016, correspondência que é aqui apresentada integralmente. Além disso, organizou um debate na Universidade Federal de São João Del Rey sobre a musicalidade no teatro, da qual participaram além dela e outros pesquisadores da UFSJ, Marcio Abreu, Ernani Maleta e Marcus Borja, e cuja transcrição editou especialmente para a revista. Completam o dossiê uma série de fotos dos espetáculos mencionados e imagens dos cadernos de direção de Marcio Abreu.

Finalmente, mas não com menos ênfase, vale destacar a resenha modelar que Beti Rabetti produziu sobre o último, e ainda não publicado no país, livro de Roberto Tessari, *La Commedia dell'Arte: genesi d'una società dello spettacolo*. Desde já uma contribuição maior ao acervo de obras sobre aquela forma teatral e o seu inexorável diálogo com os estudos contemporâneos.

Luiz Fernando Ramos  
Sílvia Fernandes